



ARTIGO | Fluxo contínuo

Exposições de trabalhos da Escola Parque de Brasília nas colunas da jornalista Yvonne Jean (1962-1966)

Work Exhibitions from Park School of Brasília in the columns of journalist Yvonne Jean (1962-1966)

Exposiciones de trabajos de la Escuela Parque de Brasília en las columnas de la periodista Yvonne Jean (1962-1966)

Juarez José Tuchinski dos Anjos

RESUMO

O artigo tem por objetivo investigar as Exposições de Trabalhos da Escola Parque de Brasília, conforme veiculadas nas colunas da jornalista Yvonne Jean, no jornal Correio Braziliense, entre os anos de 1962 e 1966. Em termos metodológicos, consultaram-se as edições do jornal Correio Braziliense disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Após um percurso historiográfico sobre a concepção e funcionamento da Escola Parque de Brasília, as conclusões apontam as Exposições de Trabalhos como um momento privilegiado de visibilidade daquela escola, da sua cultura escolar e de suas práticas educativas, guiadas pelas diretrizes da pedagogia da Escola Nova, propugnadas por seu criador, o educador Anísio Teixeira.

Palavras-chave: História da Educação; Escola Parque de Brasília; Culturas Escolares; Yvonne Jean.

ABSTRACT

The article aims to investigate the Work Exhibitions of the Escola Parque de Brasília as published in the columns of journalist Yvonne Jean, in the newspaper Correio Braziliense, between the years 1962 and 1966. In methodological terms, the editions of the newspaper Correio Braziliense available in the Hemeroteca Digital of the National Library were consulted. After a historiographical journey on the conception and functioning of Escola Parque de Brasília, the conclusions point to the Work Exhibitions as a privileged moment of visibility for that school, its school culture and its educational practices, guided by the guidelines of Escola Nova pedagogy, proposed by its creator, educator Anísio Teixeira.

Keywords: History of Education; Brasília Park School; School Cultures; Yvonne Jean.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo investigar las Exposiciones de Trabajos de la Escola Parque de Brasilia publicadas en las columnas de la periodista Yvonne Jean, en el periódico Correio Braziliense, entre los años 1962 y 1966. En términos metodológicos, se consultaron las ediciones del periódico Correio Braziliense disponibles en la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional. Luego de un recorrido historiográfico sobre la concepción y funcionamiento de la Escola Parque de Brasilia, las conclusiones apuntan a las Exposiciones de Trabajos como un momento privilegiado de visibilización de esa escuela, su cultura escolar y sus prácticas educativas, guiadas por las directrices de la pedagogía de la Escola Nova, propuestas por su creador, el educador Anísio Teixeira.

Palabras-clave: Historia de la Educación; Escuela Parque Brasilia; culturas escolares; Yvonne Jean.

Introdução¹

Na última década, a história da educação no Distrito Federal tem sido constantemente visitada por historiadores e historiadoras. Há estudos sobre as origens da educação local (Pereira, 2011), a formação de professores (Amaral, 2014), a aritmética no ensino primário (Carvalho, 2017), o legado de Anísio Teixeira à educação escolar do Distrito Federal (Pereira, 2018), a arquitetura das primeiras escolas da cidade (Chain, 2018); as culturas escolares prescritas para os centros de ensino elementar (Magalhães, 2018), os contrastes entre passado e presente na educação infantil (Anjos; Pinto; Muller, 2018) e os estudos sobre as competências legais na gestão do sistema de ensino de Brasília (Moraes, 2019).

Nesse contexto, destacam-se ainda os estudos sobre a implantação dos primeiros jardins de infância locais (Anjos; Pinto; Muller, 2020), a história, a memória e os acervos das duas primeiras escolas da cidade satélite de São Sebastião (França, 2020), a historiografia da educação inscrita na obra *Por que construí Brasília*, de Juscelino Kubitschek (Anjos; Barbosa, 2020); os jardins de infância na ótica de Yvonne Jean (Barbosa, 2021a), o provimento material das instituições de educação infantil (Barbosa, 2021b), a caixa escolar, seu

¹ O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa “Culturas escolares da escola primária nas colunas da jornalista Yvonne Jean (Brasília, década de 1960)”, desenvolvida durante estágio de pós-doutoramento realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, sob supervisão da profa. Dra. Betânia Laterza Ribeiro, com apoio do DPI/DPG UnB por meio do Edital 02/2023. A todos registro meus agradecimentos.

financiamento e usos nos jardins de infância (Anjos; Luz, 2022) e as críticas ao sistema de ensino brasiliense feitas por Ari Cunha, em sua coluna no *Correio Braziliense* nos primórdios da cidade (Anjos, 2022a).

Posto isso, um aspecto que só há pouco começou a ser estudado e, portanto, ainda precisa ser aprofundado pela historiografia é, justamente, o das culturas escolares, por meio da investigação das práticas educativas colocadas em movimento na educação brasiliense — práticas sobre as quais a jornalista Yvonne Jean oferece um testemunho ainda não interrogado.

Yvonne Jean da Fonseca (1911-1981) foi uma jornalista belga radicada brasileira, que chegou ao nosso país no início da década de 1940, instalando-se no Rio de Janeiro. Em 1962, mudou-se com a família para Brasília, a convite de Darcy Ribeiro, para trabalhar no setor de extensão cultural da recém-criada Universidade de Brasília. Concomitantemente, atuou no jornal local *Correio Braziliense*, dando continuidade a uma carreira jornalística iniciada duas décadas antes no Rio e, eventualmente, em São Paulo.²

No *Correio Braziliense*, órgão dos Diários Associados de Assis Chateubriand na capital federal, a jornalista assinou diversas colunas, grande parte delas dedicadas a relatar aos leitores os acontecimentos educacionais do novíssimo sistema de ensino da cidade. Ao que parece, as escolas eram por ela constantemente visitadas, de modo que seus relatos são um testemunho indireto do que ocorria nas salas de aula, tanto das chamadas escolas-classe (como eram denominadas as escolas primárias) quanto na Escola Parque (instituição complementar à escola primária, na qual ocorria o ensino integral).

Das colunas lavradas por Yvonne Jean, emergem, para o historiador da educação, vestígios das culturas escolares dessas instituições — aquele “[...] conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão destes conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas que podem variar segundo as épocas” (Julia, 2001, p. 10) — reveladoras de representações, práticas e apropriações (Chartier, 2002) bem como táticas e estratégias (Certeau, 1999) de professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem que ali se desenrolava.

² Sobre a atuação de Yvonne Jean na imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo, ver Teixeira (2018) e Mineirini Neto (2019).

Diante disso, o objetivo deste artigo é investigar as Exposições de Trabalhos da Escola Parque de Brasília, conforme veiculadas nas colunas da jornalista Yvonne Jean, entre os anos de 1962 e 1966 — datas balizadoras dentro das quais foram encontradas informações sobre essa prática educativa na referida instituição.

Em termos metodológicos, consultaram-se as edições do jornal *Correio Braziliense* disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Inicialmente, empreendeu-se a busca pelas colunas assinadas por Yvonne Jean, usando seu nome como palavra-chave. Em seguida, feita a seleção das colunas, procedeu-se à leitura integral dos textos por ela assinados, dentre os quais foram individualizadas aqueles que serão interrogados neste estudo.

No encalço do objetivo anunciado, este artigo divide-se em quatro partes. Na primeira, será apresentado o sistema de ensino de Brasília, planejado por Anísio Teixeira, bem como as linhas gerais de funcionamento da Escola Parque, conforme a historiografia da educação recente tem delineado. Na segunda e terceira partes, respectivamente, serão analisadas as Exposições de Trabalhos de 1962 e 1966, divulgadas por Yvonne Jean. Na última parte, serão tecidas algumas considerações, a modo de conclusão.

A Escola Parque de Brasília: concepção e funcionamento

Coube ao educador Anísio Teixeira, conhecido por sua participação no movimento pela Escola Nova e por suas ações reformistas no âmbito da instrução pública na Bahia (Rocha, 2011) e no Rio de Janeiro (Nunes, 2011), a elaboração do sistema de ensino da nova capital. Sobretudo porque tal encargo fora confiado ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), do qual ele era presidente. Para Anísio, Brasília representou a oportunidade de materializar suas concepções de uma educação democrática e integral, semelhante ao que intentara na década de 1930, no antigo Distrito Federal.

Conforme o plano de construções escolares por ele proposto — cuja prévia foi publicada em 1959, na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP), por seu auxiliar Paulo Campos (Anjos, 2022b), e cuja versão definitiva, assinada pelo próprio Anísio, foi veiculada no mesmo periódico em 1961 (Teixeira, 1961) —, o sistema de ensino pensado para Brasília pretendia servir de modelo para o restante do país. Tal proposta articulava jardins de infância,

escolas-classe e Escola Parque (formando os Centros de Educação Elementar), Centros de Educação Média e a Universidade de Brasília (Teixeira, 1961).

Esses equipamentos escolares seriam distribuídos de acordo com o plano urbanístico de Lúcio Costa: um jardim de infância e uma escola-classe (como ele denominava a escola primária) para cada superquadra; uma Escola Parque — a ser frequentada em contraturno pelos alunos do ensino primário, para atividades de educação física, artística e manual — para cada conjunto de quatro superquadras; Centros de Educação Média (grandes escolas secundárias), a serem instalados nos extremos da cidade; e a Universidade de Brasília, organizada segundo o modelo orgânico norte-americano, com departamentos agrupados em institutos e faculdades, sob a direção de uma reitoria (Teixeira, 1961).

Uma das inovações desse sistema de ensino era a Escola Parque, instituição que tornaria possível a educação primária integral. Ela era inspirada em, ao menos, três experiências educacionais: as escolas *Platoon*, que Anísio conhecera em sua visita aos Estados Unidos em fins da década de 1920; os parques escolares, projetados por ele na Reforma do Distrito Federal de 1931-1935; e a Escola Parque do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, na Bahia, na década de 1950 (Duarte, 2009; Wiggers, 2023).

Deixando de lado as origens pedagógicas dessa instituição, cabe ressaltar que, na concepção de Anísio Teixeira, a Escola Parque pensada para Brasília estava

[...] destinada a atender, em 2 turnos, a cerca de 2 mil alunos de “4 Escolas-Classe”, em atividades de iniciação ao trabalho (para meninos de 7 a 14 anos) nas pequenas “oficinas de artes industriais” (tecelagem, tapeçaria, encadernação, cerâmica, cartonagem, costura, bordado e trabalhos em couro, lã, madeira, metal, etc.), além da participação dirigida dos alunos de 7 a 14 anos em atividades artísticas, sociais e de recreação (música, dança, teatro, pintura, exposições, grêmios, educação física) (Teixeira, 1961, p. 196).

Para este educador, nesse modelo de escolarização primária integral

[...] o seu característico, no programa proposto, é o de juntar o ensino propriamente intencional, da sala de aula, com a autoeducação resultante de atividades de que os alunos participem com plena responsabilidade. Por isso a escola se estende por oito horas, divididas entre atividades de estudos e as de trabalho, de arte e de convivência social. No centro de

educação elementar, a criança, além das quatro horas de educação convencional, no edifício da “escola-classe”, onde aprende a “estudar”, conta com outras quatro horas de atividades de trabalho, de educação física e de educação social, atividades em que se empenha individualmente ou em grupo, aprendendo, portanto, a trabalhar e a conviver (Teixeira, 1961, p. 197).

Como se depreende das entrelinhas do projeto de Anísio Teixeira, em palavras-chave como *ensino propriamente intencional, participação, plena responsabilidade, autoeducação, aprender a estudar, trabalhar e conviver*, a orientação pedagógica da Escola Parque era aquela da Escola Ativa, da qual o educador era defensor. Uma educação em que a escola prepara para a vida numa sociedade democrática, como propugnava John Dewey, interlocutor privilegiado do pensamento educacional anisiano.

Porém, essas foram as únicas diretrizes que Anísio produziu relativas a como deveria funcionar tal escola, deixando grande margem de interpretação do modelo aos professores que, efetivamente, viriam a materializar essa proposta educativa. Isso deu espaço a apropriações, criatividade e bricolagens, táticas e estratégias por parte dos alunos e docentes.

Dentre estes últimos, alguns receberam formações específicas para atuar na Escola Parque em cursos de especialização promovidos pelo INEP, pelo SENAI, pela Escola de Artes do Brasil e, especialmente, pela visita *in loco* à Escola Parque da Bahia, “[...] oportunidade em que puderam se familiarizar com a filosofia e prática educativa daquela instituição” (Pereira; Rocha, 2011, p. 171). Com base nessas experiências e na realidade que tinham diante dos seus olhos³, é que trataram de colocar em prática a proposta pedagógica que pautava a Escola Parque no sistema de ensino de Brasília.

Entre o planejado e o realizado, porém, houve desde o início uma inegável distância: durante toda a década de 1960, somente uma Escola Parque foi colocada em funcionamento (Martins, 2011), deixando a maior parte das escolas-classe desatendidas por essa inovação pedagógica. Por essa razão, já em 1962, a concepção de ensino integral foi, em parte, desconfigurada, com a redução do

³ Enquanto na Bahia a Escola Parque se voltava ao atendimento de crianças pobres, vindas das classes populares, em Brasília ela atenderia crianças das classes médias e altas, o que, certamente, exigiu adaptações do modelo.

[...] período de permanência diária dos alunos na instituição para 2 horas e redução da jornada de trabalho do professor para 6 horas, sob a justificativa de que essa medida possibilitava a incorporação de mais uma escola-classe (106 Sul) sem aumentar o número de professores (Pereira; Carvalho, 2011, p. 106).

A própria manutenção do estabelecimento foi objeto de intensos debates no período, sendo que alguns chegavam a considerá-lo uma extravagância educacional ou “escola de bobagens”, conforme lamentava um de seus defensores, o médico Ernesto Silva (Silva, 1962, p. 4).

Não obstante, a Escola Parque abriu suas portas, e práticas educativas nela tiveram lugar, como registram Eva Waisros Pereira e Lúcia Rocha (2011) ao descreverem seu primeiro ano de atendimento à infância:

O aluno era o centro do processo educativo. Cabia a ele definir, de acordo com as suas preferências e aptidões, as atividades das quais gostaria de participar. A cada semestre, escolhia duas atividades entre as oferecidas pelas diferentes áreas e dedicava a cada uma delas duas horas diárias. Exemplificando, relata uma ex-aluna em seu depoimento: “Eu fiz num semestre tecelagem e cerâmica, no outro dança moderna e desenho”. O interesse era o móbil da atividade educativa (Pereira; Rocha, 2011, p. 172).

Em relação à educação do corpo – uma das dimensões constitutivas da Escola Parque –, Ingrid Wiggers, Isabela Marques e Mariana Frazzi (2011), analisando álbuns escolares da instituição, destacam que ela propiciava a seus alunos experiências escolares envolvendo brincadeiras, canto coral, natação, desfiles e solenidades cívicas, apresentações teatrais e de dança, dentre outras, de modo que “[...] a Escola Parque, nas origens da cidade, representou muito mais do que uma escola, mas um verdadeiro polo cultural, artístico e esportivo” (Wiggers; Marques; Frazzi, 2011, p. 272).

Foi para essa escola “diferente” e, sem dúvida, com uma proposta inovadora para o contexto brasileiro, que se voltou parte da atenção da jornalista Yvonne Jean em suas colunas no jornal *Correio Braziliense*. Em seus textos, ela registrou, particularmente, as exposições de trabalhos manuais realizadas em duas ocasiões na instituição. Embora, a princípio, essas observações possam parecer pontuais, o contraste delas com a historiografia sobre a Escola Parque aqui mobilizada revela tratar-se de elementos da cultura escolar do

estabelecimento ainda não estudados pelos historiadores da educação local, razão pela qual sua análise se torna relevante — o que será feito nas seções a seguir.

A Exposição de Trabalhos de 1962

Uma prática cultivada pelas professoras da Escola Parque foram as Exposições de Trabalhos, momento no qual apresentavam à comunidade ou visitantes os resultados concretos do trabalho educativo realizado na instituição⁴. Em 1962, por exemplo, teve lugar uma dessas exposições, à qual compareceu a jornalista Yvonne Jean, segundo relato que fez na sua coluna de 8 de junho daquele ano:

A escola parque organizou uma grande exposição do material empregado pelas professoras e de trabalhos de alunos. A finalidade principal da exposição é dar uma ideia geral do sentido, finalidades e sistema da escola parque aos técnicos do Ponto IV, ora reunidos em Brasília e que inaugurarão a exposição, provavelmente hoje e examinarão o material em uso (Jean, 1962, p. 9).

A exposição em questão foi realizada por ocasião da visita de técnicos do Ponto IV. Tratava-se de um programa que consistiu “[...] no primeiro compromisso norte-americano com a ajuda não militar internacional em larga escala, sendo lançado em 1949 na gestão Truman” (Mendonça, 2010, p. 140). No Brasil, o programa teve atuação também no campo do ensino, como na educação rural (Martins; Ferreira, 2021) o que justifica o interesse dos técnicos que estavam em Brasília em conhecer o que se fazia em matéria educacional na jovem capital.

Foi para eles, portanto, que se mobilizou a prática da exposição, a fim de lhes “dar uma ideia geral do sentido, finalidades e sistema da Escola Parque” (Jean, 1962, p. 9). Não deixa de ser curioso apresentar a técnicos norte-americanos um modelo de educação inspirado justamente nas escolas *Platoon*, visitadas por Anísio Teixeira na década de 1920, nos Estados Unidos. Em 1962, o que viram em Brasília já era produto de um longo processo de apropriação

⁴ Em outras seções do jornal *Correio Braziliense* foi possível constatar a recorrência dessa prática, para além dos momentos flagrados por Yvonne Jean.

desse modelo educativo, que resultou na concepção de Escola Parque apresentada na seção anterior.

Aos leitores, Yvonne Jean resumiu o que seria esse “sentido” e “finalidades” da Escola Parque, ao mesmo tempo em que fazia sua defesa:

A Escola Parque, complementar à Escola-Classe foi uma das melhores iniciativas do plano escolar de Brasília. Em princípio deveria existir uma Escola Parque para quatro escolas-classe. No momento, só temos uma – esperemos que seja a primeira de muitas outras a serem construídas aos poucos – que atende as Escolas-Classe 106, 107, 108 e 308, durante duas horas diárias. Atividades principais: música, teatro, educação física, biblioteca, desenho, artes industriais bem variadas, cinema, recreação (Jean, 1962, p. 9).

Esse registro confirma que, em 1962, a educação oferecida pela Escola Parque ainda seguia a proposta pedagógica de Anísio Teixeira, embora já sofresse reduções de horário — de quatro para duas horas diárias. Ainda assim, havia a expectativa de que essa fosse apenas a primeira de muitas outras unidades a serem construídas. Trata-se de uma cobrança sutil feita pela jornalista, que voltaria a esse ponto em diversas outras ocasiões em suas colunas.

O que os técnicos do Ponto IV podem ter visto na exposição? Ao menos dois aspectos lhes foram apresentados para admiração: os trabalhos dos alunos das Escolas-Classe 106 Sul e 108 Sul, registrados por Yvonne Jean em sua coluna no *Correio Braziliense*. Sobre as produções dos alunos da primeira escola, a jornalista anotou:

Dona Maria Izaura” escreve Ana Cândida Perez à professora, em nome de sua turma “o 3º ano pede-lhe permissão para fazer uma excursão pela superquadra”. A permissão foi dada. A planta desenhada por Ana Cândida (Não tivemos oportunidade de ver as outras) é da SQ 105. Desenhou prédios de apartamentos, o cinema e tudo o mais, com bom senso urbanístico. De lado, legendas com um pequeno desenho que será reproduzido no mapa, cada vez que for preciso e permite lê-lo com facilidade representando coqueiros, árvores, residências de professoras, a escola e avenidas. O tipo de trabalho que desenvolve a observação e a representação gráfica do que foi observado (Jean, 1962, p. 9).

Bem de acordo com a pedagogia da Escola Nova, que queria a escola integrada à vida, o tema do trabalho da turma do 3º ano da Escola-Classe 106

Sul foi a representação, em forma de planta urbanística, da quadra ao lado da instituição escolar, a Super Quadra 105 Sul. Primeiro, realizaram uma “excursão pela superquadra”, vendo e observando os detalhes arquitetônicos; em seguida, colocaram no papel, com criatividade e imaginação, a sua interpretação sobre o que encontraram.

Yvonne Jean destaca os detalhes da obra dos alunos: os prédios, os equipamentos públicos da quadra, tudo feito “com bom senso urbanístico”. Nem as legendas foram esquecidas, mostrando o esmero das crianças em representar com fidelidade e criatividade a vizinhança da escola. Para a jornalista, é o “tipo de trabalho que desenvolve a observação e a representação gráfica do que foi observado”. Uma atividade ao estilo dos centros de interesse da Escola Nova, em que ao redor de um tema se agregavam aprendizados de inúmeros conteúdos: artes plásticas, geografia, estudos sociais, noções de urbanismo etc.

Já na parte da exposição relativa à Escola-Classe 108 sul:

Cada aluno representou com texto e muitos desenhos os princípios do abastecimento de água. José Humberto escolheu o abastecimento em Brasília, com caixa d’água e todas as fases de operação. Elaine Marinha Farla provavelmente do mesmo grupo – esqueceu de colocar o nome da escola ao lado da sua série (a 4^a) e na ausência de orientação por parte da escola-parque tivemos que tirar nossas deduções como pudemos que fez uma represa. A casa da bomba, a rocha, o túnel, o reservatório são desenhados com grande clareza. Entende do assunto e é provável que já visitou as Três Marias. Não é, Elaine? [...] (Jean, 1962, p. 9).

Os alunos da Escola-Classe 108 Sul ocuparam-se de problemas da vida moderna, representando “com texto e muitos desenhos” os “princípios do abastecimento de água”. Yvonne Jean aprecia, com detalhe, os desenhos de dois alunos: José Humberto, que “escolheu o abastecimento em Brasília, com caixa d’água e todas as fases de operação” e Elaine Farla, que desenhou “a casa da bomba, a rocha, o túnel, o reservatório”.

Mas de onde teriam tirado inspiração para essas representações? Possivelmente de conteúdos aprendidos e debatidos na Escola-Classe e transformados em expressão artística na Escola Parque (já que, até onde sabemos, não se previam conhecimentos como esse no seu currículo).

Em todo caso, a exposição atesta que essa educação compartilhada estava funcionando: os estudantes que tinham o privilégio de frequentar as duas escolas colhiam os frutos de uma educação integral, não só no sentido de jornada integral, mas de educação de todas as faculdades intelectuais. E disso temos o registro de Yvonne Jean.

A Exposição de Trabalhos de 1966

Uma outra Exposição de Trabalhos Manuais registrada por Yvonne Jean foi a realizada no encerramento do ano letivo de 1966. Sobre ela, a jornalista escreveu:

Fazemos questão de dar nossos calorosos parabéns à Escola Parque pela volta ao conceito que presidiu à sua idealização, ou seja, um conjunto de atividades complementares, dando ao aluno primário a possibilidade de se expressar e expandir através da arte e do artesanato, sem tolher sua liberdade de criação, guiando-a, com tacto, em acordo com conceitos que chamam de modernos e que preferimos definir como contemporâneos. A bela e imensa exposição que acaba de encher todas as numerosas salas da Escola bem o comprovou (Jean, 1966, p. 9)

A expressão “volta ao conceito que presidiu sua idealização” parece sugerir alguma descontinuidade no funcionamento da instituição — descontinuidade que não pode ser observada apenas nas fontes disponíveis, isto é, nas fontes jornalísticas. No entanto, não é improvável que, diante das dificuldades enfrentadas pelo modelo de escolarização, certos influxos tenham de fato ocorrido na história da Escola Parque — o que, inclusive, merece maiores aprofundamentos.

O que cabe destacar, porém, é que em 1966 a escola estava funcionando de acordo com o planejado, dando aos alunos do ensino primário por ela atendidos a oportunidade de se expressarem artisticamente ou, nas palavras de Yvonne Jean, “a possibilidade de se expressar e expandir através da arte e do artesanato, sem tolher sua liberdade de criação”. A liberdade na expressão artística era outra bandeira levantada pelos educadores da Escola Nova e, de novo, orientação incorporada às práticas da Escola Parque (Martins, 2011).

Arquitetonicamente, a Escola Parque de Brasília estava equipada para oferecer aos estudantes espaços específicos destinados às práticas de

expressão artística e trabalhos manuais – o Bloco das Oficinas –, como apontam Eva Waisros Pereira e Lúcia Rocha (2011, p. 166):

A Escola Parque ocupa uma área de 20.544m², com um conjunto arquitetônico de três edificações: o bloco principal, conhecido como o Pavilhão de Salas de Aula, o bloco do Auditório e o bloco das Oficinas [...] O bloco das Oficinas ocupa uma área de 765m², abrigando dois grandes salões, destinados a oficinas, laboratórios e depósito.

A diversidade de materiais expostos registrada por Yvonne Jean revela a variedade de usos do Bloco de Oficinas, cujo resultado eram obras de livre expressão, com fórmula ditada, apenas, pelas especificidades do material empregado:

Qual o setor a destacar? A cestaria? O mosaico? As xilogravuras? A cartonagem? O aproveitamento de madeira e metal? O cenário teatral? Talvez a ideia de dar às crianças bambu e fios e propor-lhes a criação de esculturas em acordo com sua bela fantasia e jeito? Estas são obras abstratas, harmoniosas e equilibradas porque não obedecem a uma fórmula, mas foram ditadas pelo próprio material (Jean, 1966, p. 9).

O contato com os trabalhos manuais na Escola Parque produzia frutos: despertava nas crianças o interesse em fabricarem objetos diversos de acordo com sua imaginação.

Outra possibilidade dada aos alunos é a de aproveitar qualquer material e transformá-lo em objetos, enfeites, em tudo que sua imaginação sugere. Parece que ficaram tão entusiasmados que catam, agora, em casa, tudo o que sobra, tudo o que parece inútil, para, com isso, criar algo – cascas de ovo, caixas de ovos, lâmpadas usadas, palitos, canudos, papelão, etc. As lâmpadas geraram cabeças (com olhos, nariz e boca pintados e cabelos de lã ou palha) encaixadas em bonecos de papelão recobertos por retalhos de pano, formando figuras de presépio ou árvore de natal e personagens dos mais simpáticos ou engraçados. A bucha levou à criação de bonecos e bichos que se retorcem em todos os sentidos e formam brinquedos ideais para os pequenos. Penas e papel prateado de maços de cigarros geraram animais fantásticos, verdadeiras esculturas com personalidade e humor. Casca de ovo pintada de verde acaba formando um Papai Noel e pedacinhos de isopor transformam-se em neve para os bichos se divertirem. Arame e papel viram Bumba Meu Boi típico e alegre. Retalhos viram bonecos. – Vidrinhos de remédios e fósforos acabam formando um conjunto de Beatles tocando nos seus instrumentos. Pedacinhos de madeira compensada formam mosaicos, sementes de melancia,

abóbora e feijão formam quadros. E assim por diante (Jean, 1966, p. 9)

O relato minucioso das bricolagens feitas pelas crianças, mais do que revelar a complexidade de suas práticas, parece querer atestar aos leitores do *Correio Braziliense* que a Escola Parque estava alcançando um de seus objetivos: desenvolver a expressão artística de seus alunos. Tal capital cultural adquirido na escola já se manifestava até mesmo nas casas das crianças, onde seu olhar estava treinado para perceber em objetos do dia a dia potencial matéria prima para expressar-se artisticamente. O resultado podia ser apreciado na Exposição da Escola Parque, cuidadosamente enumerado por Yvonne Jean.

A jornalista também teceu algumas considerações estéticas sobre parte da exposição – a dedicada especificamente aos trabalhos manuais. Sobre eles, elaborou as seguintes reflexões:

Ao falar neste conceito moderno, chamemos a atenção sobre um setor ainda um tanto tradicional em demasia – o dos trabalhos manuais – mas que está, aparentemente, seguindo, aos poucos, o rumo geral – e uma única sala em desacordo com toda a exposição pela falta de simplicidade, apego a um espírito de começo de século que confunde luxo com riqueza e complicação com arte; é exatamente a sala dedicada aos trabalhos das mais velhas, as alunas do sexto ano, que confeccionaram almofadas de veludo trabalhadinho ou matéria plástica, em oposição com todo o resto da exposição, colocada esta sob o bem dito sinal da simplicidade e alegria (Jean, 1966, p. 9).

Na concepção de Yvonne Jean, o setor dos trabalhos manuais destoava daquele espírito de criatividade, inventividade e liberdade de expressão que deveriam ser as marcas constitutivas do fazer pedagógico da Escola Parque. Os produtos apresentados, a seu ver, eram excessivamente tradicionais, presos “a um espírito de começo de século que confunde luxo com riqueza e complicação com arte”. Ou seja, contrariavam os princípios modernos da arte, que valorizavam a “simplicidade e alegria”. Feito esse reparo, porém,

Quanto ao resto, é tudo bela fantasia, seja o projeto da cidade do ano 2.000 seja o sítio do Picapau Amarelo da Biblioteca, sejam as colagens ilustrando contos lidos, sejam os fantoches de feltro bem colorido, sejam os simples utensílios de cozinha, sejam as gravuras. É tudo bela fantasia, livre e segura (Jean, 1966, p. 9).

Finalizando sua apreciação da exposição, Yvonne Jean lançava, mais uma vez, um apelo:

[...] voltemos à campanha iniciada nos primeiros anos de Brasília: a luta em prol de outras Escolas Parque (em primeiro lugar, uma Escola Parque II na Asa Norte, depois outra do outro lado do Eixo, no setor JK e assim por diante) para que, com o tempo, todos os alunos do ensino primário tenham possibilidade de atividades para escolares positivas e alegria através de criação (Jean, 1966, p. 9).

Fazendo da coluna uma espécie de tribuna pública de um jornalismo de serviço, diante dos resultados obtidos pela Escola Parque, a jornalista retoma o espírito do plano original do sistema de ensino de Brasília, que previa uma Escola Parque para cada conjunto de quatro superquadras residenciais. Conclamava seus leitores e, possivelmente, as autoridades, para que fossem criadas mais Escolas Parque: uma no bairro da Asa Norte⁵, menos populoso, mas em fase de constituição e urbanização; e outra na parte de baixo da Asa Sul, mais populosa e menos servida de equipamentos públicos e “assim por diante”, até que o plano educacional fosse totalmente implantado. Tudo para que “todos os alunos do ensino primário tenham possibilidade de atividades escolares positivas e alegria através da criação”, realizando, dessa forma, a educação democrática e integral propugnada pelo engenho do educador Anísio Teixeira.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo investigar as Exposições de Trabalhos da Escola Parque de Brasília, conforme veiculadas nas colunas da jornalista Yvonne Jean, entre os anos de 1962 e 1966 — datas balizadoras dentro das quais foram encontradas informações sobre essa prática educativa da referida instituição.

Após um percurso historiográfico sobre a concepção e o funcionamento da Escola Parque, foi possível apreender as Exposições de Trabalhos como momentos privilegiados de visibilidade da escola, de sua cultura escolar e de suas práticas educativas. Visibilidade dupla: tanto pela prática da exposição em

⁵ Cumpre esclarecer ao leitor que o Plano Piloto de Brasília, no formato de cruz, possui originalmente duas zonas residenciais: as Asa Sul e Norte.

si quanto pelos relatos produzidos por Yvonne Jean, os quais ampliaram, para o conjunto de leitores de suas colunas, o alcance daquilo que vinha sendo exposto por docentes e alunos da instituição.

Guiados pela pena de Yvonne Jean, evidenciou-se que, nesses momentos, a escola procurava divulgar e reafirmar um modelo de educação considerado inovador para o contexto de uma cidade e de um sistema de ensino ainda recentes. Seja por meio de uma mostra especial dos trabalhos, como ocorreu em 1962, para recepcionar visitantes; seja para marcar o encerramento do ano letivo, como parece ter sido o caso da exposição de 1966, a intenção era materializar visualmente aquilo que a Escola Parque vinha realizando em termos de educação artística e intelectual.

Particularmente, foi possível observar, nas produções elaboradas pelas crianças enquanto alunos da Escola Parque, a valorização da liberdade, criatividade e expressão infantil, confirmando, assim, que no período em tela, a instituição guiou-se, efetivamente, por diretrizes pedagógicas da Escola Nova ou Escola Ativa, propugnadas por seu criador, o educador Anísio Teixeira.

Em estudos futuros, nos quais sejam mobilizadas outras fontes – inclusive documentos produzidos pela própria escola e existentes no seu arquivo –, poderão ser efetuadas novas abordagens, que permitam aprofundar se, entre o que se fazia e o que era dado a ver nas exposições, havia limites e distanciamentos, que somente a leitura das colunas de Yvonne Jean não permitiu ver. Não obstante, seus apontamentos, aqui interrogados, são uma primeira pista para adentrar, em outros momentos, em outros aspectos das culturas escolares da Escola Parque de Brasília.

Referências

AMARAL, Clara Ramthum do. **A formação do magistério primário nos primórdios de Brasília (1960-1964): memórias de uma utopia possível** (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Ari Cunha e as críticas ao sistema de ensino de Brasília na coluna Visto, Lido e Ouvido (Correio Braziliense, 1960-1965). **História da Educação**. Porto Alegre, v.26, p. 1-25, 2022a.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan.-abr. 2022b.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. A narrativa de Juscelino Kubitschek sobre a escolarização em Brasília: vestígios de uma historiografia da educação. *In: ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; TAVARES, Fabiany de Cássia (orgs.). **Escrita da pesquisa em educação na região Centro-Oeste**. vol. 4. Campo Grande: Editora Oeste, 2020, p. 57-75.*

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; LUZ, Alana Souza. Financiamento e usos da caixa escolar nos Jardins de Infância de Brasília (1960-1970). **Entreideias**. Salvador, v. 11, n. 3, p. 39-58, set./dez. 2022.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; PINTO, Viviane Fernandes Faria; MÜLLER, Fernanda. Entre o passado e o presente: contrastes de acesso à educação infantil no Distrito Federal. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 34, p. 1-24, 2018.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; PINTO, Viviane Fernandes Faria; MÜLLER, Fernanda. Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos Jardins de Infância (1960-1962). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 47, p. 292-313, 2020.

BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. Notícias da pré-escola no Distrito Federal: apontamentos de Yvonne Jean (1960-1964). **Educar em Revista**. Curitiba, v. 37, 2021a.

BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. Três colunas do jornal Correio Braziliense e os primeiros Jardins de Infância de Brasília: o provimento material solicitado (1960-1965). *In: CORDEIRO, Andréa Bezerra et al. (orgs.) **A teia das coisas**: cultura material escolar e pesquisa em rede*. Curitiba: NEPIE/UFPR, 2021b, p. 207-224.

CARVALHO, Rosália Policarpo Fagundes de. **A aritmética no ensino primário de Brasília: 1957-1970** (Doutorado em Educação Matemática). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Anhanguera. São Paulo, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAIN, Samira Bueno. **Cidade nova, novas escolas?** Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

DUARTE, Hélio. **Escolas Classe, Escola Parque**. São Paulo: FAUUSP, 2009.

FRANÇA, Guilherme de Azevedo. **Levantamento de fontes e acervos para uma história das duas primeiras escolas de São Sebastião/ DF (1959-1996)** (Mestrado Profissional em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

JEAN, Yvonne. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 8 jun. 1962, p. 9.

JEAN, Yvonne. Esquina de Brasília. **Correio Braziliense**. Brasília, 29 nov. 1966, p. 9.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, p. 9-43, jan.-jun. 2001.

MAGALHÃES, Suzana Maria do Nascimento. **Culturas escolares prescritas para os centros de ensino elementar do Distrito Federal: uma leitura das normas oficiais dos anos 1960-1963**. (Monografia de Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

MARTINS, Alice de Fátima. O ensino de artes nas Escolas Parque. In: PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília**: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 231-252.

MARTINS, Joira Aparecida; FERREIRA, Nilce Vieira. O modelo de educação rural norte-americano para o Brasil: o Ponto IV (1955-1959). **Educação Unisinos**. São Leopoldo, v. 25, p. 1-16, 2021.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Ensino agrícola e influência norte-americana no Brasil (1945-1961). **Tempo**. Niterói, p. 139-165, dez. 2010.

MINEIRINI NETO, José. Yvonne Jean: o jornalismo na defesa da mulher, da arte e da educação. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio**. Arte, Design, Educação. São Paulo: Editora Cortez, 2019, p. 137-170.

MORAES, Cleide Fátima de. **As competências legais da gestão do sistema de ensino nos primórdios de Brasília (1959-1960)**. (Monografia de Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

NUNES, Clarice. Modernidade pedagógica e política educacional: a gestão de Anísio Teixeira na Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro (1931-1935). In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck.; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **Reformas Educacionais**: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920-1946). Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 291-314.

PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília**: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Editora da UnB, 2011.

PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (orgs.). **Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal:** história e memória. Brasília: Editora da UnB, 2018.

PEREIRA, Eva Waisros; ROCHA, Lúcia Maria da Franca. Escola Parque de Brasília: uma experiência de educação integral. *In:* PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília:** memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 161-178.

ROCHA, Lúcia Maria Franca da. A instrução pública na Bahia 1924-1928: Anísio Teixeira. *In:* MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck.; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **Reformas Educacionais:** as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920-1946). Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 63-82.

SILVA, Ernesto. Brasília, cidade mutilada. **Correio Braziliense**. Brasília, 18 ago. 1962, p. 4.

TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **Uma cosmopolita nos trópicos:** a trajetória de Yvonne Jean no jornalismo carioca (1940-1950) (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2018.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961.

WIGGERS, Ingrid; MARQUES, Isabela; FRAZZI, Mariana. Escola Parque de Brasília: um olhar sobre a educação do corpo. *In:* PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília:** memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 253-276.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. **Memórias da Escola Parque**. Brasília: Editora da UnB, 2023.

Exposições de trabalhos da Escola Parque de Brasília nas colunas da jornalista Yvonne Jean
(1962-1966)

Recebido em: 22/09/23
Aceito em: 06/09/25

Juarez José Tuchinski dos Anjos

Doutor em Educação. Professor de História da Educação e História da Educação Brasileira no Departamento de Teoria e Fundamentos e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

 juarezdosanjos@unb.br

 <http://lattes.cnpq.br/7560916850762011>

 <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>